

AS VÁRIAS FACES DE SASSETTI

Por Manuel Jorge Veloso

Uma expressão de ordem valorativa que costumamos invocar no campo das relações humanas ao pretendermos salientar, pela positiva, o carácter deste ou daquele protagonista ou interlocutor, é a de que estamos perante um «homem de uma só cara». Não deixa por isso de ser curioso que o mesmo já se não passe quando hoje falamos de música e, no caso concreto, de jazz. O que, bem vistas as coisas, não encerra nada de negativo.

Entendamo-nos. Durante muitos anos, os amadores de jazz habituaram-se a formar os seus gostos musicais e a fazer as suas opções – por exemplo: a compra de um disco, a ida a um concerto – com inteira segurança, pelo conhecimento antecipado que haviam interiorizado, em termos de identificação, a propósito da filiação estilística de tal ou tal músico.

De facto, num período relativamente amplo da história do jazz, os campos estavam bem mais delimitados, sabia-se com o que se podia contar, os mais importantes e decisivos criadores (e seguidores) das principais correntes jazzísticas que constituem o corpo central do jazz – nascidas, grosso modo, nas primeiras seis décadas do século passado – estavam, muitos deles, ainda activos e eram, no fundo, contemporâneos dessa impetuosa e rápida evolução de um domínio musical cuja criação lhes pertencia. Exactamente na mesma medida em que essas várias correntes estavam vivas e coexistiam lado a lado, tornando riquíssima e diversificada a cena do jazz de então.

No caso específico do jazz, música em parte substancial improvisada, cujo principal suporte e possibilidade de preservação era o disco (e não a partitura) e cuja modalidade mais genuína de fruição era a audição ao vivo ou discográfica dos músicos, era assim natural que os seus amadores, consoante os gostos e tendências, optassem por assistir em clube a um concerto cujo repertório era a natural expressão do omnipresente hard bop, preferissem comprar um disco que reflectisse as convulsões do free jazz ou decidissem ir a um grande recinto vibrar com as electrónicas da fusão ou com as batidas binárias do jazz-rock.

Com a chegada dos anos 80 do século passado – e com os naturais desenvolvimentos ocorridos nas duas décadas seguintes – algo de essencial aconteceu para a perenidade do jazz enquanto linguagem musical viva, ainda e sempre capaz de se revigorar.

Desaparecidos, pela ordem natural da vida, os grandes génios desta música, os jovens músicos de jazz distribuíram-se naturalmente por dois grandes campos: o daqueles que entendiam dever preservar, de forma intacta ou quase imutável, o legado até aí deixado pelas personalidades de referência, continuando a reproduzir na sua actividade musical as sucessivas linhas estéticas essenciais da música que admiravam; e o daqueles que, não renegando o passado e as mudanças qualitativas entretanto verificadas (correspondentes a outras tantas tradições), entendiam que era porventura mais interessante e criativo procurar outros caminhos de síntese e reavaliação dessas tradições que apontassem à criação de um futuro consistente e plural.

Nasciam assim, do mesmo passo e de forma quase imperceptível, não só um jazz novo como também um músico de jazz de novo tipo: aquele que, senhor de uma forte cultura jazzística, formada através da audição da obra gravada dos grandes mestres, do estudo teórico e da própria prática académica (ou na situação de actuação ao vivo) da música destes, decide seguir um caminho próprio, ainda por cima cada vez mais aberto (como sempre o jazz foi, logo desde a sua génese) às mais variadas influências exógenas.

Não admira, portanto, que hoje coabitem nas expressões conceptuais dos mais criativos músicos actuais, vários caminhos estéticos (por vezes, radicalmente opostos) ou escolhas muito diversas de formações instrumentais, capazes de dar corpo a opções que reforcem (ou conjuguem) quer a vertente da composição quer a vertente da improvisação, seja esta sujeita a mote e tendente a um mais amplo e imediato reconhecimento ou inteiramente livre e mais propensa à aventura do desconhecido.

É portanto natural que, nos nossos dias, ao contrário do que atrás foi sublinhado, sejam precisamente a «insegurança», a imprevisibilidade e a não-familiaridade a marcarem a fruição musical de um concerto ou de um disco de jazz. Assim reforçando o desafio à nossa disponibilidade auditiva no sentido de procurarmos descobrir a dialéctica estabelecida entre o que nos parece reconhecível e o que nos é ainda estranho, num esforço de identificação também de novo tipo: menos passivo, mais exigente e incomparavelmente mais estimulante do que a mera e contínua referência ao que permanece guardado nas gavetas da nossa memória, por mais exaltante que esta seja.

Indo ao que interessa e aqui me traz, julgo poder afirmar que, em termos caseiros e também internacionais, o pianista e compositor Bernardo Sasseti se enquadra perfeitamente naquilo que aqui procurei definir como músico de jazz de novo tipo: daí o título, como se vê nada pejorativo, que encima este texto.

É certo que, em rigor, Sasseti nos habituou a um certo continuum de familiaridade no seu percurso criativo, como líder de enorme firmeza e personalidade musical, como solista inventivo entre os demais, como compositor de grande sensibilidade e, ainda, como sideman de poderosa intervenção e cumplicidade cooperativa.

Mesmo assim, apesar dos traços reconhecíveis que aqui e ali sempre assomam na música que nos propõe, é a sua criatividade multifacetada que cada vez mais se reforça, não se remetendo o talentoso músico à contínua e eterna reiteração das opções pianísticas e de repertório com que, há vinte anos, brilhantemente irrompeu pela cena jazzística portuguesa.

Não pretendendo desenvolver aqui o traçado de uma carreira fulgurante (inserto noutra local desta folha de sala), julgo que se pode situar em inícios da década de 2000 – ou seja, meia dúzia de anos passados sobre a edição de *Mundos* (EmArcy, 1997) – a grande viragem nas apostas estéticas de Bernardo Sasseti a caminho da plena maturidade e hoje estendidas, para além do jazz, aos domínios da música para cinema e multimédia.

Com efeito, a publicação de *Nocturno* (Clean Feed, 2002), com a mesma formação em trio do concerto de hoje, seguida dois anos mais tarde pela gravação em solo absoluto de *Indigo* (Clean Feed, 2004) e pouco depois reforçada (no que ao mesmo trio se refere) em certas peças de *Ascent* (Clean Feed, 2005), iriam contribuir para a

revelação de uma nova identidade de compositor e, sobretudo, de uma atitude de não-seguidismo em relação ao que de mais trivial se costuma fazer com os standards ou com composições provenientes de outros mundos culturais que sempre tanto atraíram Sassetti: as músicas latinas, populares ou eruditas.

Acentuando e tornando mais movimentada a componente harmónica e a polivalência rítmica das suas peças – e assim dando maior riqueza e diversidade às melodias temáticas que delas brotam – Bernardo Sassetti é hoje um compositor e um improvisador de muito maior fôlego, capaz de optar pela via do desenvolvimento em constante progresso (mais do que da simples variação sobre estruturas rígidas) e de reforçar, como uma componente importante da sua música, o uso e a valorização do silêncio. Ainda no plano da invenção, é hoje muito mais sensível e enérgica, no pianista, a distinção entre os momentos de introspecção racional e de extroversão emotiva.

Para tal conta Sassetti, ainda e sempre, nesta certamente fascinante retrospectiva por 10 anos de existência, com a activa e criativa interacção de Carlos Barretto (contrabaixo) e Alexandre Frazão (bateria), os notáveis companheiros de um trio que hoje comemora um redondo aniversário. Barretto é, sem margem para dúvidas, o nosso contrabaixista de referência neste domínio musical, senhor de um som poderoso, de uma afinação rigorosa e de um tempo metronómico implícito ou explícito, preenchendo os espaços e os silêncios com invejável maestria. Quanto a Frazão, mais do que um baterista, é perante um verdadeiro percussionista que estamos: único na afinação mecânica do instrumento, dando transparência e brilho ao som das peles e dos címbalos, polivalente nas métricas regulares e irregulares, bem como subtil ou explosivo na criação colectiva das dinâmicas.

Enfim, um trio que se ouve a si próprio de olhos fechados. Que é a melhor maneira de fazer música.